

Para ter cabelo rosa

A primeira coisa que notamos quando Sarah Rocha, 40 anos, entra em uma sala é o cabelo rosa vibrante. O visual faz parte de uma resolução de aniversário da bancária. “Aos 40, decidi me presentear com coisas que desejei por muitos anos, mas não podia fazer por certas limitações.”

O principal obstáculo que Sarah encontrava era o ambiente de trabalho. No espaço corporativo, tinha receio que um cabelo considerado radical ou alternativo demais prejudicasse sua ascensão profissional. Ela percebia que colegas com visuais menos convencionais sofriam uma certa discriminação, mesmo que velada, e apesar de não concordar com essa visão, não queria que a aparência suplantasse sua competência.

Ao atingir estabilidade profissional, Sarah, por um breve instante, chegou a pensar que a idade poderia limitá-la, mas logo virou o jogo. “Estou com 40 anos e me veio o questionamento de quanto tempo eu iria continuar esperando para poder viver a minha autenticidade, por quantos anos deixaria de lado o sonho de experimentar?”

E decidiu que não iria mais adiar seus desejos. Com um side cut e um rosa bem colorido, Sarah realizou o desejo de ter um cabelo inspirado na estética dos anos 1990 e não poderia estar mais satisfeita. Para a bancária, o visual é uma das formas que as pessoas têm de se expressar.

A idade não foi a primeira barreira imposta pela sociedade aos gostos de Sarah. Ela lembra que quando estava com alguns quilos a mais, chegou a ouvir de colegas, outras mulheres, que não deveria usar *tailleur*, pois a roupa não seria adequada ao seu corpo.

O biquíni também foi uma peça que Sarah se viu constrangida em usar. Com vergonha por não estar dentro do “padrão” imposto pela sociedade, ela percebeu como isso limitava o prazer que sentia em curtir a praia e, aos poucos, foi se libertando. “Voltar a usar biquíni foi revolucionário para mim. O incentivo de outras pessoas e mulheres que não ligavam para esses preconceitos me ajudaram muito.”

Depois de passar por esse processo, foi mais fácil para ela não aceitar limitações pela idade ou por qualquer outro aspecto que diga respeito aos julgamentos alheios. O que ela leva em conta na hora de escolher o tamanho do biquíni, ou se vai usar um short ou um maiô, são apenas o conforto e o que é mais prático para o momento. Sarah

Sarah Rocha relutou
muito até adotar o visual
que sempre sonhou:
grito de liberdade



Marcelo Ferreira/CP/D.A. Press

acredita que está em desconstrução e busca um equilíbrio entre se sentir bem e se adequar ao dress code dos ambientes que frequenta.

“Qualquer coisa se torna um fator limitante para a mulher. Nunca ouvi ninguém dizer que um homem não pode usar um terno por estar acima do peso, ou que não tem mais idade para usar uma sunga, por exemplo. Para a mulher, a pressão estética é muito dura e cruel, e isso inclui os cabelos”, lamenta.

Uma das maneiras que Sarah encontrou de lidar com o julgamento alheio foi a comunicação não violenta. Ao ouvir que uma mulher de 40 anos não pode ter cabelo colorido, ela costuma, de maneira tranquila, questionar o seu interlocutor: por que não, você pode me explicar?

A técnica se mostra construtiva para a bancária, que enxerga o diálogo e a representatividade como as melhores formas de combater o etarismo e a pressão estética imposta às mulheres.

A ideia de que a mulher nunca está na idade certa acompanha diversos aspectos, desde a cor dos cabelos até a escolha de quando ter filhos. Casada, Sarah não é mãe, mas não tem uma decisão sobre a questão.

O fato de ter 40 anos e ainda não ter uma resposta definitiva já foi motivo de estranhamento por parte de outras pessoas. Quando se casou, era questionada o tempo todo sobre quando teria um bebê, e pressionada a ser mãe. Agora, a pergunta virou “como assim você ainda não sabe?”, com ênfase no “ainda”.

A bancária, claro, considera e sabe que o fator biológico é importante na questão, mas não determinante, uma vez que a gestação não é a única maneira pela qual uma mulher pode se tornar mãe. Hoje, ela se considera em paz com o tema e acredita que a estabilidade profissional, emocional e o suporte que encontra no marido a ajudaram a encontrar suas respostas, inclusive na dúvida.